



Manuel Mendes
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Anabela Lima

Transcrição

Filipa Rodrigues

Edição da História de Vida

Filipa Rodrigues

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-01-3

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Manuel Mendes

Manuel Luís Mendes nasceu a 3 de Dezembro de 1932. É um dos três filhos de José Mendes Júnior e de Maria dos Anjos. Tem mais três irmãs, filhas do primeiro casamento do pai. Com 21 anos foi para Coimbra cumprir o serviço militar. Um ano mais tarde, em 1954, parte para Lisboa para trabalhar como prensador, na Fábrica de Cortiça. Casou-se, dois anos depois, a 11 de Fevereiro, com Libânia de Jesus, também natural de Soito da Ruiva. Tem três filhos, os quais lhe deram cinco netos e uma bisneta. Após 14 anos a trabalhar como padiola, na Ribeira Nova, em Lisboa, voltou para a sua terra natal, Soito da Ruiva.

Conteúdo

Identificação “ <i>Herdei o nome do meu avô materno</i> ”	4
Ascendência <i>José Mendes Júnior e Maria dos Anjos</i>	4
Infância “ <i>O primeiro que vier bater à porta é que ganha</i> ”	6
Casa “ <i>Onde fui criado</i> ”	8
Quotidiano “ <i>Era um trabalho</i> ”	9
“ <i>Que contas é que vou dar</i> ”	10
“ <i>Um bicho chamado víbora</i> ”	10
Costumes “ <i>Andar entretidos</i> ”	15
“ <i>Os meus primeiros sapatos</i> ”	18
<i>Curas e mezinhas</i>	18
Religião “ <i>Os meninos da cruzada</i> ”	19
Educação “ <i>Levei algumas reguadas</i> ”	20
Percurso Profissional <i>Da Piedade para Lisboa</i> . .	21
Namoro “ <i>Já a conhecia desde pequeno</i> ”	27
Casamento “ <i>Não houve falta de nada</i> ”	28
Descendência <i>António, Armindo e Hermínio</i> . . .	31
<i>Comissão de Melhoramentos: “Isto não é nada do que era primeiro”</i>	36
Sonhos “ <i>Gostava de poder passear mais</i> ”	36
Avaliação	36



Fotografia 1: Manuel Luís Mendes.

Identificação “*Herdei o nome do meu avô materno*”

O meu nome é Manuel Luís Mendes. Nascido em Soito da Ruiva, no dia 3 de Dezembro de 1932. Tenho 75 anos.

Herdei o nome do meu avô materno. Ele também era Manuel Luís. O Mendes era do meu pai. Naquele tempo dava-se o nome dos avós e dos pais aos filhos.

Ascendência *José Mendes Júnior e Maria dos Anjos*

O meu pai chamava-se José Mendes Júnior e a minha mãe Maria Rita dos Anjos, mas não é este nome que está



Fotografia 2: Família de Manuel Mendes. Soito da Ruiva.

no meu Bilhete de Identidade. Está só Maria dos Anjos, que curiosamente era o nome da primeira mulher que teve o meu pai. Trocaram o nome no Registo. Só quando estava para me casar e fui ao Registo, em Pomares, o senhor disse-me:

- "Não pode ser este nome! Isto não está legal. Vocês não se podem casar. Não se pode fechar o registo. O nome da sua mãe não está legal. E estás aqui como herdeiro das duas mulheres."

E perguntei:

- Então, como é que vai ser isto?

Lá a gente teve que andar a pedir e ele arranjou maneira de fechar o registo, mas não queria, porque eu não estava legal com o nome da minha mãe, que era só Maria dos Anjos. E eu dei-lhe o nome de Maria Rita dos Anjos, nome dela completo. Ele disse que não podia ser.

Outra vez, na Caixa, em Lisboa, fui fazer uma transferência e mostrei à senhora o Bilhete de Identidade, de como era filho de Maria Rita dos Anjos. E ela disse-me assim:

- "Não, senhor! Você nunca diga que é filho de Maria Rita dos Anjos. Você tem aqui só Maria dos Anjos. Quando apresenta o seu Bilhete de Identidade está Maria dos Anjos. Por isso, não diga que é filho de Maria Rita dos Anjos."

O meu pai era pedreiro. Às vezes, ia para as outras terras, tais como: Sobral Gordo, Mourísia, Tojo, Fórnea, nessas terras em redor para fazer casas.

Tinha aí uns 8 anos, ou talvez 7, e lembro-me de ver o meu pai a tocar guitarra. Ele sabia. Eu por acaso nunca aprendi, nunca fui capaz. Podia ter aprendido mas nunca me puxou para aprender a tocar guitarra. Os meus irmãos puxavam mais para o harmónico, que hoje é o acordeão. Tocavam muito bem harmónico e concertina. Eu nunca consegui aprender.

De irmãos só tenho um que já morreu. De resto tenho quatro irmãs, três do primeiro casamento do meu pai e a Madalena já do segundo casamento.

Infância “O primeiro que vier bater à porta é que ganha”

Quando era miúdo, as famílias eram grandes. Havia cá muita gente. Aqui na aldeia era quase tudo familiares, quase tudo primos. Fazíamos aí coisas... A gente saltava paredes até lá em baixo ao fundo, era de admirar! Era um pouco perigoso, às vezes, partia-se uma perna. Quando a gente chegava a casa, à noite, a roupa estava toda molhada do suor de andar atrás uns dos outros. Aquilo eram umas paródias!

A brincadeira que tínhamos era andar uns atrás dos outros. Fazíamos aquilo a que se chama de jogo da malha. Era assim: a gente fazia uns riscos na terra onde depois botava uma pedra ao alto e mandávamos a pedra. Aquele que a tombasse é que ganhava. Depois íamos saltar àquilo tudo. Chegávamos lá e voltávamos para trás, para pôr os pés naquelas passadeiras.

Nesse tempo havia cá muita rapaziada. Eu não sei quantos seriam, mas à noite juntavam-se aqui em baixo no meio do povo.

Havia uma brincadeira que chamavam "o primeiro que vier bater à porta é que ganha". Às vezes, o dono tinha a porta da loja fechada e quando chegava de manhã encontrava-a aberta. Porque eles iam com as mãos para bater na porta e botavam-na para dentro. O dono come-



Fotografia 3: Manuel Luís Mendes.

çava a berrar e a resmungar. Era de rir! Brincávamos também às escondidas.

As raparigas também brincavam connosco. Por vezes, brincavam umas com as outras e com os rapazitos mais novos. Assim eram as nossas brincadeiras até à noite, até quando o sol começava a escapar do povo.

Na altura da Páscoa havia o jogo do cântaro. Fazia-se uma roda e atirava-se o cântaro uns aos outros. Alguns iam para o chão e ficavam em bocados. Quando partia, tinha que se arranjar outro para voltar a brincar. Era uma barrigada de rir.

Na noite de São João queimavam o gato. Era uma pa-

ródia para todos. Arranjava-se um pau muito comprido e púnhamos ao pé da escola. Faziam uma cova para pôr o pau espetado na terra. Depois íamos à procura dos gatos. Enchíamos o cântaro de palha e enfiavam-no lá em cima no pau com uma corda. Os que caçavam o gato vinham todos esgadanhados. Depois agarravam no gato e metiam-no dentro do cântaro. Levantavam o pau e puxavam o cântaro lá para cima. Depois botavam o lume à ponta de uma corda agarrada à palha. O cântaro rebentava e o gato vinha para baixo de umas alturas! Coitaditos dos gatos, alguns morriam. Outros, que ainda caminhavam, fugiam. Mas nunca eram queimados. O lume era para aquecer e os gatos ficarem com medo. Era uma tradição que se fazia todos os anos, já desde o tempo dos meus pais. Todos iam lá para ver, gostavam quando viam cair o gato. Era uma risada. Depois do jogo do gato, a festa do São João acabava porque já era muito, dava um trabalho!

Casa “*Onde fui criado*”

Antigamente, as casas não eram em xisto. Nesse tempo, eram em pedra. Que eu me lembre, só a capela é que tinha telha. De resto não havia uma telhazinha. As casas eram todas feitas com a pedra da aldeia. Os homens iam partir as pedras da peneda com uma barra e um ferro e depois arrancavam-nas. Punham as pedras em monte e eram as raparigas que as carregavam. A minha esposa carregou muitas dessas pedras para ganhar um dinheirito. Elas, coitaditas, ganhavam uns cinco escudos por dia nessa altura, pois precisavam e tinham que se sujeitar.

Hoje não vivo na casa onde fui criado. Essa ficava em baixo, no largo. Era uma casa de dois andares. Foi o meu pai e um primo dele que a construíram. Fizeram-na em conjunto. Depois cada um tinha metade. Era uma casa antiga mas para aquele tempo já estava bem feita.

O meu pai é que era o pedreiro da zona. Andava aí outro pedreiro mas não dava nada. O meu pai quando ia para fora não o levava porque ele não se ajeitava, as

palheiritas que ele fazias às vezes caíam. Uma vez, na Fórnea contaram-me:

- "O seu pai, José Mendes, trabalhava bem. Sabia trabalhar. Agora o tio Canhoto não sabia nada."

O meu pai aprendeu essa arte com o pai dele, o meu avô, o Sr. Manuel Bento. Eu não me lembro dele, nadinha, mas sei que era um bom pedreiro. As casas que ele fazia ainda hoje podem ser vistas. Ele deixava as quinzinhas muito bem endireitadas.

Os telhados eram feitos com aquilo que a gente chama de lajes de pedra. Às vezes, entrava alguma água e quando o vento zurrava levantava as lajes e deixava cair água. Nesta casa aqui cheguei a estar deitado na cama e caía-me a água em cima da cara! A gente punha umas tabuazitas de madeiras por cima mas a água passava na mesma e vinha-nos cair na testa. Lá tínhamos que andar em cima das casas a chegar as lajezitas, senão aquilo era um problema. O que a gente passou! Às vezes, na cozinha, a gente chegou a levantar-se de manhã, a minha mulher queria acender o lume e não podia, estava lá uma poça de água. Não havia como acender o lume. Tínhamos que enxaguar e só então depois é que se acendia o lume. Agora temos telha, é melhor. Com a telha já não há problemas.

Quotidiano “*Era um trabalhão*”

A minha vida naquele tempo era a guardar o gado. Andei até aos 15 anos a guardar as cabras por estas serras. Sempre descalço no meio dos tojos, das pedras e das giestas. Os meus pais tinham 30 e tal cabras e eu tomava conta de todas. Também havia pessoas que pediam para tomar conta das cabras deles e eu juntava-as às minhas. Eu sabia identificar as minhas cabras porque as conhecia. Era um trabalhão! Chorei tantas vezes quando as perdia. Do rebanho dos meus pais estavam sempre todas, mas aquelas que eu guardava, dos outros, andavam fugidas pelo mato.

“Que contas é que vou dar”

Uma vez, as cabras lá foram para outro lado. E eu, já escuro, larguei as dos meus pais, estava lá o meu irmão e tomou conta delas. Fui procurar as outras por aqueles pinheiros, já quase de noite. Chamava-as sem fim e chorava por não as ver. De repente lá ouvi os chocalhitos que traziam. Assim que cheguei ao pé delas, agarrei em pedras do tamanho de uma mão e atirava-as. Não as acertava senão matava-as. Elas não eram do meu rebanho e não as matei porque não podia. Mas bem, à noite lá consegui trazê-las ao destino delas. O que eu passei! Eu só pensava:

- Que contas é que vou dar se aparecer lá sem cabra nenhuma?

Na altura era muito caro ter cabras e dantes vivia-se do gado e destes rebanhos, vendiam-se também os queijos e os cabritos. Recordo-me que as pessoas pegavam em carregos de queijos e iam vendê-los para as Minas da Panasqueira. Era muito longe e iam a pé, quase o dia todo, com os queijos às costas. Era duro. Vendiam um quilo a este, outro quilo àquele e viviam assim do trabalho de algumas cabras.

“Um bicho chamado víbora”

Apesar de andar sempre descalço dei sorte de não pisar nenhum bicho. Nestas serras há lá um bicho chamado víbora. Tem uma boca de um lado e também morde com o rabo, é como um agulha que ele tem no rabo. Parece uma cobra mas muito grande, até tem cabelo no lombo. Eu nunca vi nenhum mas sei que quando um víbora macho morde uma pessoa, ela morre logo. Não tem cura. Uma vez vi um pequeno, aqui para cima do povo. Ia-lhe pondo os pés em cima e quando vi fiquei a tremer. Era um víbora novito ainda, mas muito perigoso.

Uma vez, andava uma irmã minha a guardar gado, lá em cima, no gestal. E o víbora mordeu uma cabra, ela só deu um berro, começou a tombar, "dum", foi logo.

Quando é a fêmea que morde, a víbora, ainda pode

haver cura mas se deixarem passar as 24 horas também já não há cura.

O primeiro lugar que mordem é no pé porque é onde chegam melhor. Depois ficava aquela peçonha, aquele veneno que se metia no sangue. Se fosse uma mordida de víbora e alguém lhe acudisse durante 24 horas, estava safo. Agora o víbora não! O víbora não tinha salvação! Nem que o médico estivesse ao pé, não tinha salvação. Onde mordesse, a pessoa ficava logo ali. Aquilo era muito ruim. Uma vez apareceram uns, aqui em baixo no fundo do povo. Foi lá um homem com uma espingarda e matou-os a tiro senão não se podia ali passar com o medo de poderem morder e depois a pessoa ficar lá.

Esses bichos não eram muito grandes, quase meio metro mas eram grossos e rastejavam, tipo uma cobra! Uma vez, na Malhada Chã, onde andava o meu filho, havia uma mulher que foi até uma poça de água para ir buscar água para regar. Estava lá um víbora na poça. A mulher, coitada, fugiu. Mas ele foi sobre ela. Coitada da mulher, agarrou-se a uma árvore, subiu uma pereira para ver se safava dele. E ele subiu pela pereira acima e foi matá-la!

Esses bichos ainda existem por aí. A gente é que não os vê, mas hoje ainda estão pelos matos. É o bicho mais ruim, mais perigoso que cá há.

Os meus pais também tinham ovelhas, mas isso não era comigo. Elas ficavam guardadas no curral e não se juntavam com as cabras nem iam para a serra. As ovelhas andavam nas fazendas aqui à volta. Era o meu irmão que as botava. Eu não gostava nada delas porque fugiam. Antes queria guardar as cabras do que andar com as ovelhas. Quando ia para o mato com as cabras, às vezes, juntava-me aos outros pastores. Outras vezes andava sozinho. O gado lá andava todo misturado. Enquanto as cabras lá andavam, nós estávamos sentados ou a brincar uns com os outros.

Aqui havia gente que se levantava de noite e ia buscar mato, mas nós não éramos assim. Os meus pais quando se levantavam já eram quase oito horas. Nós o que que-

ríamos era que eles não nos chamassem para ficarmos a dormir mais um bocadito, mas tínhamos terrenos para cultivar. Aquilo era um trabalhão! Semeávamos milho, feijão e batata.

Em Soito da Ruiva não havia médico. Só o doutor Vasco de Avô que vinha quando a gente precisava. Normalmente, vinha para tirar as crianças e era de mula. As mulheres ajudavam-se umas às outras mas quando corria mal, chamavam o doutor. Para a minha mulher foi uma irmã dela que a veio assistir. Os meus filhos nasceram todos em casa. Quando o médico vinha, a pessoa que o chamava era quem o pagava. O que ele dissesse era o que tínhamos de pagar. Às vezes, era caro mas só tínhamos aquele.

Ainda hoje o pior que a gente tem é a falta do médico. Estamos longe dos hospitais e dos médicos. Há um bom médico de Pomares que vem uma vez por mês e já nos favorece. Vem com sacos cheios de medicamentos.

Hoje em dia, todas as semanas vem cá o peixeiro e quem quiser comprar vai. A gente, às vezes, sai e vai a Arganil ou a Oliveira. Mas vamos mais frequentemente por causa das urgências. Quando uma pessoa se sente mal e precisa tem de ir a Arganil. Actualmente, as coisas são diferentes. Há estradas mas mesmo assim os autocarros não vêm cá. Temos que subir e apanhar lá em cima a carreira que vem do Piódão. Quem não tem carro tem de ir a pé ou pode chamar um táxi, mas fica caro. Antigamente alugava-se um carro e quando estavam parados não contavam, mas agora contam. É um dinheirão que se gasta.

Hoje em dia no Soito da Ruiva vivem cá cerca de 17 pessoas efectivas. Os outros são de outras aldeias que vêm de vez em quando aqui e depois vão embora outra vez. Para a quantidade de pessoas que havia antigamente, hoje há muito poucas. As pessoas foram-se embora.

Hoje coxeio e não posso ir à fazenda como antigamente. Aqui pertinho ainda há uns quintais que cultivo. Mas as minhas terras já não são cultivadas. Agora estão em relva. Tudo o que consumimos em casa já é com-

prado. Ainda temos algumas batatas mas foram cavadas pela minha esposa. Com a minha saúde não posso ajudá-la. Costumo juntar-me no largo com os vizinhos, vamos para o sol e conversámos. Uns dizem uma coisa, outros dizem outra. Tenho que teimar a caminhar por causa da minha doença.

Por altura do segundo sábado de Agosto há uma festa na aldeia. No sábado é a festa religiosa de São Lourenço. Levam o santo para a capela depois de ter dado a volta ao largo. No domingo é a festa da Comissão de Melhoramentos e há ofertas para a Comissão. São festas muito bonitas e vem muita gente. Fazem comidas e assados para vender. Enchem o largo de mesas e vamos lá com o prato. Estão pessoas da aldeia mas também vem muita gente de fora. Também é Verão, altura em que os familiares vêm visitar-nos com os netos e os bisnetos. A aldeia fica bonita outra vez nessa altura.

Não sei bem por que é que a aldeia se chama Soito da Ruiva. Eu já tenho dito tanta vez:

- "Isto foi trocado!"

Palavra de honra. Esta terra tem o nome trocado. Há uma terra da serra que chamam Tojo. O tojo é um mato que pica. Puseram lá o nome Tojo, mas lá não há muitos tojos. E nós aqui, no Soito da Ruiva, o que não falta é tojo! Não há lado nenhum que não haja tojo. Portanto aqui é que havia de ser o Tojo.

Havia quem dissesse que se chamava Soito da Ruiva porque noutros tempos havia pessoas ruivas. Mas isso já é tão antigo. Se calhar também era porque havia muitos castanheiros que entretanto secaram. Antigamente, a casa dos meus pais era uma casa farta de castanhas. A gente secava-as num canastro. Comíamos as castanhas cozidas com a casca ou descascadas. Tinha muita castanha e a gente gostava muito daquilo. Apanhavam-se os ouriços da castanha em Outubro. Íamos todos e, às vezes, mesmo a chover tínhamos que lá ir à barroca, para a água. Os antigos governavam-se com as castanhas que criavam. Não tinham outra coisa. E mesmo que houvesse, não havia dinheiro para comprar. Tinham que comer aquilo que calhava.

Recordo-me que comi muito urtigas. A minha mãe misturava uma folhita de couve com as urtigas e com carne de porco. Eram muito boas. Preferia isso às abóboras. Sopa de abóbora é que não comia! As urtigas bem arrançadas eram bem boas. Como havia falta de hortaliças, tínhamos que nos sujeitar.

No Inverno nevava e nós, rapazitos, juntávamo-nos ao pé da barroca e brincávamos com a neve. Fazíamos bolas muito grandes, as quais ficavam a derreter durante meses.

Por altura do São João, em Maio e Junho havia muita fruta. Não havia à volta outra terra com tantas cerejas. Havia cerejeiras em todo o lado. Mas tudo desapareceu com o incêndio. É como as oliveiras: tudo foi queimado! Aqui para fazer o azeite iam ao lagar de Pomares. Este ano não fomos porque não havia azeitonas.

Pela altura de Natal, havia mais fartura. As famílias juntavam-se, iam comer às casas uns dos outros. Também havia doces: arroz doce, bolos, tigelada, bolos do forno e filhoses. Isso já é muito antigo. Mas era só para as festas. Na casa dos meus pais comíamos bacalhau só uma vez por ano. O meu pai, que Deus o tem, metia homens, aí numas fazendas que tínhamos, a cavar... terras com nove, dez homens, todo o dia a cavar e dava-lhes de comer e tinha de comprar o bacalhau. E era só nessa altura que a gente comia.

No Natal, as coisas que se faziam eram de casa, não era nada comprado. Para criar os meus filhos foi difícil. Andava aí uma mulher, uma padeira, que vinha do Piódão vender o pão. Os meus filhos, coitaditos, viam essa mulher que andava aí pelas portas a vender. Claro, eles queriam que a gente comprasse e, às vezes, a minha mulher fechava a porta para não a verem. Porque se a vissem, eles pediam-nos para comprar, mas não havia dinheiro! A broa era de milho e caseira. Era boa mas a gente não lhe dá valor. Damos mais valor a um pãozito.

Tinha duas cabritas, mas infelizmente hoje tive que acabar com elas por causa da minha doença. Tive um mês de cama e veio aqui o médico, o doutor Fernando de Avô. Veio duas vezes e levou-me 100 euros de cada vez

que cá veio. Chegou aqui, viu-me e disse:

- "Isto foi um princípio de AVC. Foi um aviso! Mandava-o para o hospital, mas o que lá lhe fazem, cá também o faz e está na sua casinha. Deixe-se estar aqui na sua casinha."

Isto foi no início de Abril e disse-me:

- "Tem de ficar até ao fim do mês na cama!"

Tinham que me virar, me voltar porque eu não me voltava. Para fazer o que era preciso, tinham que me levar. A mulher sozinha não podia comigo. Eu caía. Se me pusessem em pé, caía no chão. Às vezes, quando a minha esposa andava pela fazenda, e não podia vir a casa, eu botava as pernas da cama abaixo, ajoelhava-me no chão, ia de rastos até à casa de banho, a jorrar como uma cobra. Depois botava uma mão na banheira e na sanita e atirava-me para a sanita como quem atira um corpo. Não tinha reacção nenhuma. Era um estoiro. O médico disse-me:

- "Você tem de estar até ao fim de Abril na cama! Olhe que se puder passar sem ir à casa de banho deixe-se estar na cama! Faça tudo na cama. Lá para o final do mês, pode ir para a mesa para o pé dos seus filhos."

Assim foi. Como ele disse saiu tudo verdade. No fim do mês, já vim para a mesa com a perna de rastos e sempre agarrado. Depois já ia até à porta. Hoje vou passeando por aqui. Melhorei um bocado, senão não me levantava. Tenho passado coisas que nem conto. Foi ruim isto que me deu. Agora pela Páscoa foi ruim, mas pelo Natal foi pior. Prenderam-me as vias urinárias. Sempre que vinha à casa de banho era cada grito que se ouvia pelo povo abaixo. Depois fui às urgências em Arganil. O médico receitou-me uns antibióticos mais uns comprimidos. Tomei-os todos. Assim que acabei de tomá-los, comecei a melhorar.

Costumes “*Andar entretidos*”

Antigamente juntavam-se à noite para debulhar o milho. As pessoas faziam de noite porque não queriam andar entretidos de dia. De dia andavam nos trabalhos deles.



Fotografia 4: Manuel Luís Mendes.

Às vezes, dava duas horas da manhã e eu ainda lá estava, cheio de sono e depois sentia "traz" na cabeça. Quando vinha milho vermelho, aquele que o apanhava, guardava-o. Todos o queriam, mas era raro aparecer! Quando aparecia era uma festa para todos. Era demais!

Os bailes começavam no Natal e iam até ao Carnaval. Era uma festa. Todos os dias à noite lá íamos nós, começávamos a dançar assim até ao Carnaval. Juntavam-se os rapazes e as raparigas e íamos comprar o petróleo à taberna. Cada um tinha que dar dois tostões. Compravam petróleo para o grupo que fosse dançar porque gastava-se

muito para ter uma candeia acesa. Depois dançava-se, tocava-se. Estava o tocador sentado numa cadeira e os outros dançavam. Eram umas paródias. Era assim todos os dias, estivesse a chover ou não, a gente tinha que ir.

Às vezes mudava. Dançávamos aqui na loja que agora é minha, mas não estava arranjada como está agora. A água corria por lá e havia lama. A gente andava a dançar ali e caíamos agarrados um ao outro pelo meio da lama. Ainda hoje me lembro de uma rapariga que andava a dançar e caiu por cima de uma prima minha que estava na França. Hoje se falar com ela ainda se farta de rir. Eram uma paródias quando a gente caía no chão. Era só lama e estava a chover, voltávamos a casa todos molhados. Uma vez, lembro-me que uma rapariga de quase 20 anos caiu. Nessa noite, uma tia minha que morava ali ao pé e o filho dela também andava no baile, ouviu o barulho e foi lá ver:

- "Que é que houve por aqui?"

- "Então, olhe, não houve nada."

As pessoas que caíam ficavam envergonhadas e não gostavam nada. Tropeçavam e caíam uns em cima dos outros. Tropeçavam porque aquilo era muito apertado e havia rasteiras. Aqueles que eram mais apressados iam para o chão. Vinha muita gente, à noite, não eram só os que dançavam. Vinham os nossos pais, os velhotes também e sentavam-se em toda à volta a ver. Essas danças só acabavam no dia de Carnaval. Nesse dia, quem dançasse ia para o baile. Se estivesse a chover era numa casa, se estivesse de bom tempo era no largo. Tudo dançava. Velhos e novos, toda a gente dançava.

No Carnaval, as pessoas andavam disfarçadas todo o dia. Estavam de cara tapadas então não se conheciam uns aos outros. Para as máscaras, arranjavam uns papéis ou outra coisa qualquer. Tapavam-se mas tinham que deixar alguma coisita para se ver. Depois reconheciam-se pela fala. Às vezes, falavam de outra maneira para não serem reconhecidos. Quando éramos miuditos, quando víamos os mascarados direitos a nós com a cara tapada, a gente fugia sem saber onde é que se havia de meter. Tínhamos medo!

Às vezes, havia coisas que faziam que eram más. Por exemplo, havia alguns que andavam com os cestos cheios de trampas de burros que apanhavam e faziam-nas passar por figos. Vendo bem isso era mau. Aproveitavam-se que era dia de Carnaval e andavam aí pelas portas. Por acaso, aconteceu com um tio da minha mulher. Ele viu e disseram-lhe que eram figos. Quando ele ia para meter os figos à boca, disseram-lhe:

- "Olha o que tu vais fazer, tu vais tomar isso?"

Ele disse:

- "É de burro. Era cagado de burro."

Ele atirou logo com aquilo e foi a correr atrás daquele que andava com o cesto porque esse fugiu logo. O rapaz ainda levou com umas pedradas. Ainda bem que não levou o tal figo à boca! Andavam a pregar partidas, mas lá por ser Carnaval aquilo não se fazia. Eram partidas de mau gosto. Imagine que aconteceu com um homem assim já velho, que botou a mão ao cesto a pensar que eram figos e afinal era cagado de burro! Ele, coitado, ainda o meteu na boca mas deitou logo para fora. Ficou muito chateado.

“Os meus primeiros sapatos”

Já tinha 8 anos quando me compraram os meus primeiros sapatos. Eram umas botitas de cabedal que tinham brochas por baixo. Eram muito fortes e aleijavam-me os pés. Como me magoavam, botava-as às costas e, em vez de andar com elas nos pés, andava descalço. Naquele tempo não tinha mais calçado nenhum. Havia também uns tamancos. Para as mulheres eram tamancas abertas e para os homens eram tamancos. A gente gostava desse calçado mas era muito caro.

Curas e mezinhas

As senhoras faziam curas e mezinhas quando uma pessoa caía. Ainda há quem saiba fazer essas rezas. A gente, às vezes, apanhava qualquer coisa nas vistas por causa das varejeiras. Vinha uma senhora punha uma água na vista

e lá passava. Só as mulheres é que sabiam. Elas rezavam e curavam quase tudo.

Quando a gente caía e se aleijava, elas diziam que era estrutagado. Havia mais do que uma maneira de fazer aquilo. A minha tia fazia assim: punha um púcarozito de água ao lume, não sei bem explicar como era, mas sei que depois da água estar recolhida, ela fazia as rezas e sarava. Nem eram precisas massagens.

Para a espinela, as pessoas tinham que pôr os pés direitos, depois elas pegavam nos braços e iam levantando para cima para esticá-los. Tinham de juntar as mãos uma à outra, em cima da cabeça. Se a coluna estivesse caída, as mãos estavam desunidas. Chamava-se àquilo espinela caída. Se a coluna estivesse caída, a gente tomava um copo de água ou um bocadito de pão na altura que se erguiam os braços e no fim passava. Às vezes, tinham que fazer isso mais do que uma vez. Era tão grave que havia pessoas que caíam muito facilmente. Eu também já cheguei a ter. O meu filho também. Queixava-me muito das costas e faziam-me a reza. Aquilo passava e dali a um tempo já andava melhor. É verdade!

Ainda hoje há quem saiba fazer as rezas, não só essa do púcaro mas outras também. Há uma que é de coser e, ao fim, o problema passa.

Religião “*Os meninos da cruzada*”

Naquele tempo não havia padre todas as semanas. Ele estava sempre em Pomares e só vinha se o mandassem vir. Lá em Pomares, ele tinha uma data de irmãs que governavam aquilo. A sobrinha do padre é que dava catequese. Não sei se ainda é viva ou não mas era bonita. Tinha uma cara que aquilo... Era bonita, mas para bater era muito má. Ela vivia para os lados de Oliveira.

Uma vez lembro-me que o padre deu-me com uma cana de vieira na cabeça. Ele estava a perguntar como é que se chamavam as nossas mães. E o pequeno respondeu:

- "É Ana Frade."

E ele não entendia e perguntava:

- "O quê? Ana Frade."

Não queria dizer o verdadeiro nome então disse que era Ana Frade. O padre gaguejava:

- "O quê? Ana Frade."

A gente, ainda miúdos, achou-lhe tanta graça que começamos a rir sem parar. O padre de tanto ver a gente a rir, veio lá com uma cana e deu-me com ela na cabeça!

Íamos todos os dias a pé daqui para Pomares para aprender a doutrina. Fui fazer a minha Primeira Comunhão em Vale de Maceira. Naquele tempo, os rapazes usavam uma faixa branca com uma cruz adiante e outra atrás. Eram os meninos da cruzada. As raparigas iam vestidas de azul. A Comunhão Solene era em Pomares e para gente mais instruída. Não cheguei a fazer o Crisma. O meu neto, esse já o fez, mas eu não.

Educação “*Levei algumas reguadas*”

Fui para a escola com 7 anos. Era no Sobral Magro, lá em baixo. Tantas vezes saíamos debaixo de água, de manhã bem cedo, depois de tomar o cafezito, que era o que tomávamos. A minha mãe arranjava uma buchita de queijo com um pouco de broa. E lá estávamos todo o dia na escola só com aquilo. Só vínhamos comer a casa à noite. Quando chovia, chegávamos à escola e sentávamo-nos nas carteiritas todos molhados. Enxugávamos a roupa no corpo. Era uma vida! Para vir para cima também era outra história. Juntavam-se os rapazes com as raparigas e lá íamos para baixo. A minha irmã ainda chegou a andar lá. Mas eram sete rapazes, ou o que era, e ela era a única rapariga. O meu pai não queria que ela fosse para a escola. Chegou a ir falar com a professora. Ele queria que ela fosse guardar o gado, mas a professora disse-lhe:

- "Não senhor, não a posso dispensar. A única coisa que lhe posso fazer é dispensá-la mais cedo."

Então, a minha irmã ia sempre com meia hora de avanço. Ele não queria que ela estivesse sozinha no meio de tantos rapazes, então a professora fazia passar meia hora para não ir com eles. E foi assim!

Eu andei na escola até aos 10, 11 anos. A gente não aprendia nada porque os professores não faziam caso de nos ensinar. Só fiquei com a 2ª classe. Na escola éramos muitos. Estava cheinha porque eram as crianças de Soito da Ruiva e do Sobral Magro. A professora era de Coimbra. Não me lembro do nome dela mas sei que já era de idade. E com ela levei algumas reguadas. Para bater ela era do piorio! Dava-nos mesmo porrada e ninguém podia queixar-se. Hoje não é assim. Naquele tempo era o tempo de Salazar e eram os professores e os padres que mandavam. Era muito ruim, batia-se muito nos alunos. A gente apanhava-lhe medo e não aprendia nada! Hoje não é nada assim, não se pode fazer isso!

A escola era de manhã e de tarde. Depois vínhamos para casa, de noite, e ainda tínhamos que ir guardar as ovelhas. Embirrava tanto com isso. Apanhava-lhe tal birra às ovelhas que não as podia ver!

Ao fim da idade passar, depois dos 10 anos, já não se estudava mais. Éramos obrigados a ir para a escola dos 7 aos 10 anos. Depois ficávamos em casa a ajudar os pais.

Dantes havia cá muita rapaziada e todos os domingos havia baile ao pé da escola. Nós andávamos com o gado lá por cima e vinham alguns dizer:

- "Vamos embora, vamos embora com elas dançar no Outeiro."

Lá íamos. Nesses bailes tocava-se harmónico, concertinas e guitarras. O meu pai, que Deus o tenha, tocava muito bem guitarra. As raparigas iam à porta de casa e tanto teimavam com ele que lá ia tocar um bocadito para nos divertir. Eu era pequenito mas ainda me lembro que havia jovens que iam para lá dançar, namorar e tudo. Uns já namoravam, outros andavam já para casar, por isso era conforme.

Percurso Profissional Da Piedade para Lisboa

Com 19 quase 20 anos, fui à Inspeção militar, em Arganil. Depois fui chamado para ir um ano para a tropa. Estive um tempo sem ser chamado e só fui para a tropa

em 1953. Nessa altura, se calhar, já tinha 22 anos. Cumpri o serviço militar durante 18 meses e saí em 1954. Foi no ano em que a minha mãe morreu. Ainda andava na tropa.

Estava na minha companhia de Armas Pesadas do Regimento da Infantaria 12. O dia-a-dia na tropa era difícil. A gente tinha que passar por baixo de arame farpado. Fazer ginástica logo de manhã, estivesse a chover ou estivesse como estivesse, tinha de ser. Depois subia cordas, saltava poços de um lado para o outro, galgava muros. Era muito difícil. No entanto, eu ainda me lembro que me dei com um oficial muito bom. Ele era dos lados do Fundão, um Aspirante. Tinha bom coração. Se a gente teimasse que não saltava ele até deixava a gente de lado. Tapava os olhos. Uma vez fui saltar uns muros, bati com uma perna e aleijei-me e ele nunca mais me obrigou a saltar muros. Era muito bonzinho. O melhor que havia no quartel. Todos falavam no Aspirante. Ainda me lembro do nome dele, Jorge.

Nessa altura, só eu e um primo meu, que já morreu, também de Soito de Ruiva, é que fomos para a tropa. Às vezes, íamos e vínhamos juntos, mas ele vinha mais vezes à terra do que eu. Até podia vir mais vezes, mas eu é que não quis desde que a minha mãe faleceu. Ficava no quartel a fazer serviço de outros que tinham dispensas ao fim-de-semana. Sempre ganhava algum dinheiro. Davam às vezes sete mil e quinhentos escudos por fazer uma faxina por outro. E em lugar de vir à aldeia e como já não tinha que ajudar a minha mãe, acanhava com mais serviço.

Na altura só tinha cá o meu pai. A roupa era eu que a lavava. Depois tinha que a pôr ao sol e ficar ao pé dela. O que é que se fazia para modo de a enxugar? A gente esticava as calças e punha debaixo do colchão, mesmo molhadas, porque não queria deixar lá fora, pois podiam roubar. Chegava a noite e a gente tinha que arrecadar a roupa tal como estava. Em vez de meter na arca a roupa que a gente tinha que engomar, metia-a debaixo da roupazita da cama e ficava engomada. Nunca fui castigado por ter a roupa suja ou por causa de um botão. Nunca

cheguei à porta de armas para sair e me dissessem assim:

- "Não pode sair."

Alguns diziam para outros:

- "Falta aqui um botão. Tens que ir fazer aqui isto, fazer aquilo."

Nunca fui castigado. Não trouxe da tropa más recordações.

Aliás, a tropa foi uma boa escola. Mas era uma tragédia. Roubavam muito. Ainda passei lá um bocado difícil. Para dizer a verdade, assim que juráramos bandeira já não havia tropa. E a partir daí foi mais fácil. A recruta foi a fase mais difícil. Em passando a recruta já não nos mandavam fazer nada. A gente até se fartava e se aborrecia com a boa vida. Não fazia nada, nadinha. Não me chamavam para nada.

Em Julho os soldados foram chamados para a manobra de Santa Margarida e não fui. Fui nomeado para ir para o Quartel-General em Coimbra. Aí então é que entrava à hora que queria. Na altura em que me chamaram para ir para o Quartel-General, tive que ir a pé, que remédio, e demorei muito tempo. Quando lá cheguei não tinha nada para fazer porque fui dos últimos a apresentar-me. Além disso, havia os impedidos, que eram os primeiros que se apresentam no Quartel-General e eram escolhidos para estarem às ordens dos oficiais. Cada oficial tinha um soldado para fazer o que mandava. Tinha que estar às ordens deles. Por isso, chamam-se de impedidos.

Eu como fui dos últimos fiquei para a faxina. Não fazia nada. Aquilo até aborrecia de tanta boa vida. Os colegas eram bons. Às vezes, lavavam a loiça e era tudo mais rápido para terminar o serviço.

Em Outubro de 1954 acabei o serviço militar. Nessa altura ainda não namorava com a minha mulher. Depois vim para Soito da Ruiva, onde estive uns mezos. Só depois é que fui para Lisboa.

Tinha de arranjar emprego. Mas em Soito da Ruiva não havia emprego. Até lá por Lisboa, estava muito mal. Não havia trabalho. Os homens iam daqui, mesmo os do meu tempo, e não havia trabalho. A gente ia pedir a um

lado e não havia trabalho. Ia pedir a outro e não havia trabalho. Não havia nada. Ainda apanhei lá das boas.

Na altura em que fui para Lisboa, foi através de um cunhado meu que já estava lá e arranjou-me um trabalho para os caminhos-de-ferro de Santa Apolónia. Andei lá umas três semanas. No fim de três semanas, mandaram-nos embora. Não tinha para onde ir e como o meu irmão estava do outro lado, na Piedade, a trabalhar, fui para o pé dele. Lá estive a morar com outros num barracão. Era pior que sei lá o quê! Talvez que um curral de gado. Estava lá toda a malta jovem e assim vivíamos até voltar para a minha terra.

Primeiro estive numa fábrica de cortiça, também na Piedade, durante 10 anos. Na altura estava a viver na casa dos Gameiros, onde trabalhava. Às vezes, mandavam-nos para o Alentejo. Uma vez, estive no Ribatejo, em frente à praia, em Tancos. Trabalhávamos perto do rio. A cortiça estava nas pilhas e nós tínhamos que pôr prensa, molhar e fardar com os arcos e tudo. Estive três meses no Ribatejo, a fardar essa cortiça. Para dormir, púnhamos um fardo para o alto e umas pranchas de cortiça por cima. Fazíamos o comer na rua.

Logo que acabou esse serviço, viemos outra vez para a fábrica. Lá fazíamos o que podíamos. Era uma fase ruim, por causa do pó da cortiça. As rolhas iam às rebaixadeiras e faziam muito pó. E a gente tinha que encher aquelas sacas. Por causa do pó, púnhamos um lenço na mão, atravessando diante da boca e nariz para assim encher a saca. Ainda assim, o pó entrava para as goelas abaixo. Era muita gente a calcar as sacas e havia aquele pó por cima. Foi duro. Tinha meses inteiros naquilo, a encher aquelas sacas muito grandes.

Ficávamos doentes. Mas tínhamos que fazer exames e se tivéssemos alguma coisa tínhamos que nos tratar. Nessa altura recebia 30 mil e 800 escudos. Esse dinheiro era para mandar para a minha mulher que estava cá na terra. Na altura, já estava casado e já tinha o meu filho mais velho.

Depois, comecei a trabalhar na Ribeira Nova. Fui para o peixe por pedido. Na altura, familiares meus é que

me foram inscrever no sindicato, porque os encarregados iam lá buscar os trabalhadores que precisavam. Então, fui chamado.

No princípio, quando fui trabalhar para o peixe notei uma grande diferença. O trabalho era muito pesado. Era agarrado à padiola. Mas como não havia outros empregos, lá tinha de ser. Os pescadores iam pescar e nós é que descarregávamos o peixe para a padiola. Tinha que descer do batelão e assim que o peixe está em terra, a gente começava a descarregar. Por vezes, quando o mar estava fundo, a gente tinha que descer ao batelão e a ponte para subir com a padiola era a pique para vir para o mercado. Era um bocado duro.

Para quem não sabe, uma padiola era uma espécie de maca que tinha que ter dois vareiros, um num lado e outro no outro. A meio tinha as travessas, onde as caixas eram colocadas por cima. Então, pegavam os dois, um à frente e outro atrás. A gente carregava caixas de 60 quilos de sardinha e outras vezes eram quatro caixas de 25 quilos cada uma. E tinha que se carregar aquilo o mais depressa possível para ir para o mercado, para a doca. Era um tanto cada caixa e quanto mais levasse, mais rápido era o trabalho feito.

Na altura havia muitos padiolas. Chegámos a lá estar uns cento e tal. Mas também tínhamos que ir fazer a noite para descarregar o barco e só vínhamos no outro dia às sete horas para casa. Tínhamos que lá estar toda a noite caso houvesse peixe, para podermos descarregar. A puxar de lá de baixo, do mar para cima. Quando havia vaga estávamos lá deitados naquelas caixas e ao frio. Dormia nas caixas até chegar a hora. Os da manhã iam pegar nas descargas do dia e a gente vinha embora.

Nessa altura, vivia na Calçada dos Cesteiros, que fica na parte de cima dos caminhos-de-ferro de Santa Apolónia. Antes, tinha vivido noutra rua que fica perto, a Rua da Cruz. Nessa altura, estavam muitas pessoas de Soito da Ruiva a viver por esses lados.

Depois do trabalho juntávamo-nos e íamos para as tabernas. A gente tinha dias de trabalhar das 4h da manhã às 10 horas. O peixe vinha muito cedo. Mesmo que o

peixe chegasse às 5h e tal, a gente já tinha que estar lá na Ribeira. Àquelas horas íamos a pé da Calçada dos Cesteiros até à Ribeira, ou seja, até ao Cais do Sodré. Era um bocado a andar. A gente ia alongar pela praia. Era assim a coisa! Por vezes, havia ladroeiros. Tantas vezes, que a gente teve que deixar de ir a pé para irmos de autocarro.

Eu gostava mais de viver em Lisboa do que na Piedade. Claro que nunca é como na nossa terra. Mas gostava de viver em Lisboa. Nem metia conversa com os que estavam na Piedade. Às vezes, diziam-me:

- "E se fôssemos passear até a Piedade?"

Respondia:

- Farto de lá venho eu!

Não queria voltar! Vinha castigado de lá.

Estive em Lisboa uns 20 e tal anos. Vim para o Soito da Ruiva com uns 40 e tal anos. Durante esses anos, a minha mulher esteve sempre cá. Cheguei a estar aos 10 e aos 11 meses sem vir a casa. Quase um ano, sem ver a família! Às vezes, vinha no Verão, ou no Inverno, ou em Outubro, enquanto estava a trabalhar na Ribeira. Trabalhávamos à empreitada e tínhamos que pedir autorização ao encarregado. Quando comecei a trabalhar na fábrica, tinha patrão e era mais difícil pedir-lhe. Mas quando vinha à terra, às vezes estava cá uns meses, principalmente na altura em que havia mais aperto no trabalho da terra para poder ajudar a minha mulher.

O trabalho aqui era agarrado a uma enxada a cavar e depois era ajudar nas colheitas. Mas dependia de quando me deixavam vir. Por vezes, as mulheres, coitadas, é que tinham que fazer o trabalho todo. Além disso, cuidavam dos filhos. Ficavam a cultivar as terras por aí assim. Era um trabalho pouco bom.

Isto hoje já não é nada do que era. Hoje, e até acho bem, o casal casa e, por exemplo, vai daqui para Lisboa ou por outra terra. Vão juntos. Não fica um e vai outro. Além disso, trabalham os dois. Mas nesse tempo, cá nesta terra era tudo assim. Os homens andavam por Lisboa sozinhos e as mulheres pela aldeia também sozinhas. Era uma vida pouco boa. Não era nada boa, nada,

nada!

Lembro-me que tinha que fazer o comer num fogareiro a petróleo. Às vezes, aquilo apagava porque era preciso dar à bomba para dar força para a chama não apagar. Só assim é que fervia mais depressa a panela. A gente passou lá uma vida que sei lá o quê. Da Piedade para o meu trabalho demorava cerca de um quarto de hora para cada lado. Nós tínhamos que ir a correr almoçar a casa e íamos descalços pela Piedade fora a correr. A gente tinha de comer, às vezes ia à taberna buscar qualquer coisita para comer. Era uma vida muito dura. A maquinazinha do petróleo ainda a tenho ali em cima guardada.

Namoro “*Já a conhecia desde pequeno*”

A minha mulher já a conhecia desde pequeno. Ela é de Soito da Ruiva também. Eu era da criação dela, apenas tenho três anos a mais do que ela.

Assim que saí da tropa é que pensei em casar. A minha mãe já tinha morrido, então pensei em casar. Andei um ano e tal a namorar com ela. De vez em quando vinha à aldeia. O resto do tempo, como estava em Lisboa a trabalhar, escrevia-lhe. A gente mandava cartas, mas era o meu pai que as lia para ela. Às vezes, dava resposta de quinze ou oito dias. Era uma alegria receber cartas naquele tempo, mas era um bocado difícil. Havia dias que muitas vezes as cartas já estavam na taberna da aldeia, e a gente ia lá perguntar se tinha chegado e diziam que não, quando já lá estavam. Era um desespero! Hoje em dia, o correio vem à porta e raramente falha. Já é diferente.

Depois desse tempo de namoro, fui fazer-lhe o pedido. Lá teve que ser! Fui falar com ela e com a mãe dela. Diziam-me que o pai dela não vinha cá, porque também estava em Lisboa. E disse:

- Então, deixe-me cá ver. Vou falar com o seu marido em Lisboa.

Lá em Lisboa, falei com ele e disse-lhe que vinha cá falar. Ele prometeu logo que vinha à aldeia. Disse de boa vontade que vinha. Mas a minha sogra dizia:



Fotografia 5: Dia de casamento de Manuel Luís Mendes (ao centro) e Libânia de Jesus, com os padrinhos Guilherme Bento (à esq.) e Madalena Mendes (à dir.).

- "Se ele não quiser vir, faz-se à mesma."

E eu respondi:

- Não. Se ele não vier, não!

Era para vir ao casamento e se ele não quisesse vir ia lá falar com ele. Já o conhecia bem, porque em Lisboa vivíamos juntos. Aliás, eu até cheguei a dormir com ele. Lá dormia-se uns com os outros.

E foi assim que a pedi em casamento. Saí da aldeia, tinha já falado com ela e estava tudo pronto para tal tempo. Mas não ficou nada combinado sem eu lá ir falar com o pai dela. Tanto a minha mulher como a minha sogra diziam que se podia fazer o casamento, mesmo sem ele vir. Mas não achava bem!

Casamento “*Não houve falta de nada*”

O meu casamento... Eu era pobre e ela também! Não houve falta de nada. Enquanto estava em Lisboa a trabalhar fui guardando dinheiro para pagar cá as despesas do par e ter tudo pronto. Casei-me assim que saí da tropa. Tinha 24 anos.

O vestido teve de se comprar e o fato para mim tam-



Fotografia 6: Manuel Luís Mendes e Libânia de Jesus. Coja, 2006.

bém. Comprávamos nas feiras ou mandávamos fazer no alfaiate.

A festa foi em casa da mãe dela e ainda foi muita gente. Juntou-se muita família. Na altura, o padre de Pomares vinha durante dois ou três dias e tínhamos que o governar a ele e a mula. Aquilo era um tempo difícil.

Na altura, ia aos casamentos dos vizinhos. E hoje também já vão para os restaurantes. Antigamente não se davam prendas de casamento. Hoje já está diferente. Quem se casa é que fica com o dinheirinho para ir passear e os velhos é que ficam com a despesa. Noutro tempo, não. Os casamentos eram em casa e as pessoas que iam aos casamentos davam mercearias e rês de ovelhas ou cabras para os pais fazerem a festa. Às vezes,



Fotografia 7: António Bento Mendes, filho primogénito de Manuel Mendes e Libânia de Jesus.

compravam ainda umas prendazitas para a casa. Para o resto, nós tínhamos que nos desenrascar. Recordo-me que no nosso casamento não nos deram nada.

Naquele tempo os pais costumavam dar uns terrenozitos se os tivessem. Os pais da minha mulher deram o terreno onde ela trabalhava. A casa comprei depois do casamento. Na altura, ainda foi muito cara. Além da casa, comprei umas palheiroas que ficam ali em cima. Comprei o andar, de baixo, da casa onde fui criado. Foi tudo comprado. Não tivemos prenditas. Poucas foram as pessoas que nos deram um prato. Tive irmãs que ainda nos deram uns dois pratitos ou três. De resto quando precisávamos disto ou daquilo tínhamos que ir à feira de



Fotografia 8: Manuel Mendes e Libânia, sua esposa, num convívio familiar.

Avô. Levávamos uma cesta e vinha com ela à cabeça. Comprámos tachitos de pôr no forno. Nós é que tivemos de comprar tudo para a casa.

Descendência *António, Armindo e Hermínio*

Tive três filhos. O António, o Armindo e o Hermínio. Quase que não acompanhei o crescimento deles, porque estava em Lisboa a trabalhar. Quando voltei à terra, já eles estavam grandes. O mais novo ainda andava na escola, que era aqui na aldeia. Só os meus filhos mais velhos é que estudaram no Sobral.

Lembro-me que na altura em que abalei de Lisboa, a minha mulher estava doente e não podia lavar a roupa. Tinha uma doença rigorosa. Então, como não tinha quem ma lavasse, tive que juntar a roupa dela, a minha e a dos meus filhos num alguidar, levava-o à cabeça e ia para a barroca lavar. A água era fria que não aguentava das mãos com as dores. Fiz isto porque não queria mandar o miúdo para a escola com a roupa suja. Gostava que eles andassem limpos.

Actualmente, tenho cinco netos e uma bisneta, que já está crescidita.



Fotografia 9: Armino Lopes Mendes, filho de Manuel Luís Mendes.



Fotografia 10: Célia, neta mais velha de Manuel Mendes, por parte do filho António Bento Mendes.



Fotografia 11: Rosa Marisa, neta de Manuel Mendes, por parte do filho Armindo Lopes Mendes.



Fotografia 12: Ana Lúcia e Pedro André, netos de Manuel Mendes, por parte do filho Hermínio Mendes.

Comissão de Melhoramentos: "Isto não é nada do que era primeiro"

Antigamente as condições eram muito más na aldeia. Não havia estradas, electricidade, telefone, água canalizada, saneamento. O correio antes funcionava de forma diferente. Era um homem do Piódão que quando ia buscar o correio a Pomares, trazia o correio de Soito da Ruiva e deixava-o no Sobral. Depois tinha que ir uma mulher daqui a pé durante quase três quilómetros, para ir buscá-lo. Não havia nada, nadinha. Era um bocado difícil. Entretanto, com a formação da Comissão começou a desenvolver mais. E agora isto não é nada do que era primeiro. Começaram a melhorar em tudo.

Sonhos "Gostava de poder passear mais"

Em termos de sonhos, agora não estou a recordar-me de nada em especial. Uma coisa que gostei muito foi de ir ao Minho. O meu filho Armindo é que nos levou. Estivéramos em Monção. Passámos por Braga, depois Viana do Castelo, estivéramos em Santa Luzia. Foi uma volta muito linda. Só a Trás-os-Montes é que não chegámos a ir. Ficava muito longe. A gente gostou de ir lá. Não conhecia nada daquilo. Viana do Castelo é muito lindo. Foi um passeio muito bom, chegámos à aldeia já de noite. Eu gostava de poder passear mais!

Avaliação

Acho que é um projecto muito interessante. Estou muito satisfeito de estar aqui a conversar com as senhoras. E se dizem que a minha história vai para um museu, deixá-la ir! De quando era pequeno lembro-me de algumas coisas. De outras já não, porque com a idade há coisas que começam a falhar. Eu já vou nos 75 anos!



Fotografia 13: Manuel Mendes com a esposa e filhos. Soito da Ruiva, 2007.